

No final do século XVIII e início do XIX, no contexto da Revolução Francesa, **Napoleão Bonaparte** procurou difundir os ideais da revolução por toda a Europa. Para isso, Napoleão conquistou países na Europa. Senhor do continente, Napoleão disseminava pelos países conquistados os ideais liberais franceses.

Contudo, os países europeus entraram em confronto direto contra Napoleão e a França, principalmente a Inglaterra, que via na França uma possível rival no continente ao seu poderio militar e industrial.

Em 1813, Napoleão fora derrotado por uma coligação de países europeus (Inglaterra, Prússia, Áustria e Rússia). Após a derrota de Napoleão, as grandes potências europeias - Áustria, Inglaterra, Rússia, Prússia e a França restaurada - reuniram-se em Viena (Áustria), numa convenção internacional a fim de restabelecer a situação política europeia anterior à Revolução Francesa. Foi o **Congresso de Viena**, que buscou restaurar a monarquia nos países europeus conquistados por Napoleão e reinstalar a aristocracia no poder. Paralelamente, propunha também restabelecer as fronteiras nacionais na Europa neste mesmo período.

A Unificação Italiana

Imbuída de forte sentimento nacionalista despertado pelas divisões impostas pelo Congresso de Viena, que ocorrera após a derrota de Napoleão Bonaparte para a redefinição territorial europeia, a Itália, aceleraria sua política de unificação no século XIX.

Duas correntes se destacaram nas lutas de 1848: **os republicanos**, liderados por **Giuseppe Mazzini** e **Giuseppe Garibaldi**, e **os monarquistas**, liderados pelo conde **Camilo Cavour**. Os últimos tomaram a liderança das lutas pela unificação a partir do reino do Piemonte-Sardenha, Estado italiano independente, industrializado e progressista, governado por Vitor Emanuel II.

Em 1860, os “**camisas vermelhas**” de Garibaldi – forças populares republicanas –, conquistaram os Estados Pontifícios, libertaram a Sicília e o sul da Itália, governados pelo monarca absolutista da família Bourbon, Francisco II.



Com a ajuda de Napoleão III, o Piemonte anexou vários territórios italianos ao norte que estavam sob tutela dos austríacos. Em 1870, durante a Guerra Franco-Prussiana, quando a França abandonou Roma para enfrentar os alemães, as forças de unificação invadiram Roma, transformando-a na capital italiana. Em 1871, **Vitor Emanuel**, transferiria-se para Roma completando o processo de unificação.

Texto e Contexto

A mensagem do rei Vitor Emanuel ao Parlamento

“Senadores e Deputados, Senhores:

A tarefa a que consagramos nossa vida está terminada. Depois de longos sofrimentos de expiação a Itália se restaurou, bem como Roma. Aqui, onde nosso povo, depois de séculos de separação, encontra-se pela primeira vez reunido na pessoa de seus representantes; aqui, onde reconhecemos a mãe-pátria de nossos sonhos, tudo nos fala de grandeza; mas, ao mesmo tempo,

lembra-nos nossos deveres.
(...)

Um brilhante futuro se abre diante de nós. Cabe-nos corresponder às bênçãos da Providência, mostrando-nos dignos de levar entre as nações os gloriosos nomes de Itália e Roma.”
(Vitor Emanuel e a Unificação da Itália. In: RIBEIRO, Pedro. *Grande História Universal*. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A., 1973. fasc 34.)

A Unificação Alemã

Até meados do século XIX, a Alemanha não compreendia uma nação unificada. O território da atual Alemanha era composta por 39 Estados soberanos, tendo na liderança o império Austríaco, que se contrapunha à Prússia, mais desenvolvida comercial e industrialmente.

O Congresso de Viena formou no que hoje compreende a atual Alemanha a **Confederação Germânica (Deutscher Bund)**.

Texto e Contexto

Hegel (1770-1831), a filosofia alemã e a nação

“(…) o espírito de um povo [volkgeist]: é um espírito de características muito bem definidas, que se constrói em um mundo objetivo. Este mundo existe e permanece em sua religião, seu culto, seus costumes, sua constituição e suas leis políticas em toda a esfera de suas instituições, seus acontecimentos e seus feitos. Esta é o seu trabalho: um povo, é isso que é uma nação! Os povos são o que são os seus feitos. (...) A função do indivíduo é apossar-se de sua existência material, tornando-a parte de seu caráter e de sua capacidade, fazendo com que dessa maneira ele tenha um lugar no mundo. Ele descobre a existência do povo a que pertence como um mundo já estabelecido, um mundo estável, a que deve adaptar-se.”
(HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. O curso da história do mundo: A dialética dos princípios nacionais. In: HARTMAN, Robert S. (org.). *A razão na história*. São Paulo: Editora Moraes Ltda, 1990. p. 125.)

O passo fundamental para a unidade alemã foi a criação do **Zollverein** (1834) – união alfândegária –, que derrubou as barreiras aduaneiras entre os Estados alemães, proporcionando uma união econômica dinamizando o capitalismo alemão.

Texto e Contexto

O hino nacional da Alemanha foi escrito pelo poeta August Heinrich von Fallersleben, em 1841, no contexto da luta pela unificação alemã e, desta forma, reflete muito bem as aspirações de unidade nacional dos alemães.

Deutschland, Deutschland über alles, Über alles in der Welt
(*Alemanha, Alemanha sobre tudo, Sobre tudo no mundo*)

Unidade e Justiça e Liberdade
à Pátria Alemã!
Procuremos, irmanados,
alcançá-las com afã!
Unidade e Justiça e Liberdade
são o penhor da felicidade.
Floresce, no esplendor desta felicidade,
Floresce, ó Pátria Alemã!

A Prússia iniciou a partir de 1860 a aplicação de um plano de **modernização militar** sustentado pela aliança entre a alta burguesia com os grandes proprietários e aristocratas – os *junkers*.

Tendo à frente o chanceler **Otto Von Bismarck**, a Prússia visava exaltar o espírito nacionalista alemão através de sua participação em guerras. A primeira delas foi a **Guerra dos Ducados** contra a Dinamarca (1864), onde a Prússia lutou para anexar os ducados de **Schleswig** e de **Holstein** de população alemã, até então pertencente à Dinamarca.

No **Japão**, os primeiros europeus a chegar a este país foram os portugueses, em 1542, seguidos pelos espanhóis, organizando diversas missões jesuíticas de catequização na região. A partir de 1648, o Japão fecha seus portos aos estrangeiros e se isola do restante do mundo.

Em 1854, os Estados Unidos forçou a abertura dos portos japonesa ao comércio mundial sob ameaças militares, iniciando acordos comerciais entre Estados Unidos e Europa com os japoneses. A abertura comercial japonesa provocou o início da europeização do país.

Na **China**, a penetração dominadora da Europa, Estados Unidos e do Japão realizou-se através de diversas guerras, dentre elas a Guerra do Ópio (1841).

Os ingleses produziam a droga do ópio em abundância na Índia, forçaram um mercado consumidor na China, disseminando o vício entre os chineses.

Em 1839, as autoridades chinesas jogaram 20 mil caixas de ópio ao mar. A Inglaterra exigiu indenização, como esta não foi paga, declarou guerra à China, iniciando a **Guerra do Ópio**. Em 1842, derrotada, a China assinou o **Tratado de Nanquim**, abrindo seus portos ao livre comércio e entregando a ilha de Hong Kong à Inglaterra (esta devolvida à China somente em 1997).

Houve ainda na China a **Guerra dos Boxers** (1900). Os “**punhos fechados**” ou **boxers** eram chineses nacionalistas radicais que objetivavam libertar o país. Em 1900, rebelaram-se, matando mais de duzentos estrangeiros. Uma força expedicionária internacional, composta por ingleses, franceses, alemães, russos, japoneses e norte-americanos, invadiu a China, subjugando o país às potências imperialistas.